

Do sonho de emancipação, que mobilizou pessoas em todo o mundo, à eleição dos indignados

Carlos Roberto G. dos Santos

Resumo

Este trabalho procura compreender como as novas tecnologias da informação e da comunicação produziram mudanças no ser e nas suas relações interpessoais e com o Estado, como possibilitaram o surgimento dos movimentos sociais contemporâneos, se há relação entre essas novas tecnologias e a radicalização entre polos políticos que vêm dividindo países e ainda de que forma políticos considerados outsiders têm se posicionado dentro desse contexto de mudanças e usado a comunicação digital para se elegerem mandatários nacionais.

Palavras-chave: Comunicação digital. Espaço público. Ciberespaço. Sociedade em redes. Indignados.

Introdução

O surgimento de novas tecnologias, ao longo da história humana, sempre afetou as formas de relacionamentos interpessoais e com o mundo. Na contemporaneidade, são as novas tecnologias da informação e comunicação que alteram a nossa forma de viver. A comunicação digital proporcionada pelas novas tecnologias desterritorializa as mídias, conectando-as a comunidades virtuais dispersas em qualquer parte do planeta. Ao facilitar a comunicação, dão uma nova dimensão comunicativa às sociedades, otimizam a produção e circulação de dados, possibilitam maior democratização da informação e levam a uma redefinição da relação entre a sociedade e o Estado.

Indubitavelmente capazes de expandir o contato humano, com trocas de conhecimento e transmissão do saber, as novas tecnologias da informação e da comunicação, ao possibilitarem a interação humana em todo o globo, em um único e imenso tecido, com a possibilidade da aceitação mútua das diferenças, são, apesar de também ser uma ameaça, portadoras de esperanças na exaltação do indivíduo e do humano como valor maior (LÉVY, 2010).

Por meio do desenvolvimento extraordinário das mídias sociais digitais – *Facebook, Instagram, Twitter* –, redes de contatos, de amizades, grupos de trabalhos são construídos. Um conjunto de relações sociais no ciberespaço passa a ser possível, por meio do compartilhamento de sentimentos, do dia a dia, da organização de encontros sociais e profissionais. A nova esfera pública no ciberespaço tem dimensões mundiais, pois não é mais recortada por territórios geográficos e funciona de forma descentralizada e de muitos para muitos.

Segundo Lemos e Lévy (2010), demandas por diálogo, abertura e transparência são intensificadas sobre governos e administra-

ções estatais a partir dessas mudanças na esfera pública, ampliada e transformada pelo digital, que, ao contribuir para a aquisição de informações, expressão, deliberação e associação dos cidadãos, tem todos os aspectos necessários para repercutir de forma direta e positiva na qualidade da democracia.

A comunicação digital potencializa o aumento da inteligência coletiva, que, por sua vez, aumenta a potência da sociedade. Assim, movimentos de opinião e de ação cidadãos, com as especificidades do alcance mundial da comunicação digital, transpõem fronteiras devido ao caráter também mundial dos problemas econômicos e políticos atuais.

Essa nova potência da comunicação, da emissão e da reconfiguração, proporcionada pelo ciberespaço e pela ampliação da esfera pública, possibilita-nos pensar de maneira mais colaborativa e plural. Ao produzirmos, distribuirmos e compartilharmos, criamos a potência social, cultural e política capaz de reconfigurar e, consequentemente, transformar a cultura e o fazer político. De fato, essas vozes livres, independentes e sem controle de emissão, têm mudado a cultura política contemporânea.

Os coletivos e movimentos sociais, com expressão e organização livres, articulações e reivindicações político-ativistas têm suas atuações ampliadas por essas ferramentas da comunicação digital. Assim, movimentos sociais contemporâneos têm surgido em todo o mundo, especialmente a partir de 2011, desde Tunísia, passando por Egito, Iêmen, Líbia, Portugal, Espanha, Grécia, EUA e mais recentemente em Hong Kong. “Não é novidade que a relação entre a comunicação (a potência social) e a técnica (a potência da ação) está na base da dimensão política” ((LEMOS; LÉVY 2010, p. 28).

No entanto, paradoxalmente, apesar de todo esse desenvolvimento tecnológico e das possibilidades comunicacionais e de

organização que proporcionam à esfera civil, e, embora as expectativas fossem de que tais tecnologias digitais e suas ferramentas possibilitassem a radicalização da democracia, em que coletivos e movimentos derrubassem ditaduras, o que tem realmente surgido em várias regiões do mundo, segundo Heimans e Timms (2018), é um tipo político que retoma características de um homem “forte” e que se apropria dessas tecnologias e de seus efeitos nas relações sociais, usando-os para chegar ao poder pelo voto popular e nele se manter, promovendo valores autoritários, não inclusivos.

Este texto procura compreender como as mudanças trazidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação produziram mudanças nas relações pessoais e entre cidadãos e Estado; como essas ferramentas contribuíram para o surgimento dos coletivos e movimentos sociais contemporâneos, os quais proporcionaram mudanças em várias partes do mundo. Procura identificar se há relação direta entre essas novas tecnologias e a radicalização entre polos políticos, que vêm dividindo países e povos em diversas regiões do mundo, e ainda de que forma políticos considerados *outsiders* têm se aproveitado dessas novas formas de comunicação e de relação, inclusive novas relações de poder, para se elegerem como mandatários nacionais.

O ciberespaço e a explosão informática, um caminho sem volta

Novas pessoas se conectam, fazendo com que novos computadores sejam interconectados a todo tempo. Com isso, o ciberespaço é ampliado ao receber novas informações constantemente inseridas na rede.

Dados de 2015 informavam haver no mundo, naquele ano, segundo a União Internacional das Telecomunicações (UIT), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), 3,2 bilhões de pessoas conectadas à internet, as quais deveriam chegar a 4 bilhões em 2017. Por meio desses dados, podemos observar o espantoso avanço de pessoas com acesso à rede mundial de computadores, haja vista que, em 2000, apenas 400 milhões de pessoas estavam conectadas. Embora ainda deva haver cerca de 3 bilhões de pessoas sem acesso segundo tais dados, houve considerável aumento em 15 anos, passando de 6,5% de usuários para 43%.

Some-se a isto o fato de a conexão estar crescendo exponencialmente, com taxas superiores a qualquer outro sistema de comunicação anterior, e com possibilidades de conexão cada vez mais baratas e acessíveis.

O Brasil possui, segundo relatório sobre a economia digital da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2017), 120 milhões de conectados, ou seja, 59% de sua população, o que o coloca, em relação ao número de usuários, atrás apenas da China, Índia e Estados Unidos, com 705, 333 e 242 milhões respectivamente. Apesar desses dados, se olharmos pelo percentual populacional conectado, Japão, Alemanha e outros estão acima do Brasil.

O homem, esse animal social, sempre explorou as possibilidades de criação de comunidades, o que implica a criação de relacionamentos e, conseqüentemente, de valores. A esse respeito, podemos considerar o ciberespaço¹ como seu ápice tecnológico, pois hoje é nele que interconexões são tecidas entre pessoas, grupos e mesmo instituições, ultrapassando fronteiras territoriais, eliminando distâncias e até

1 Lévy (2010) define ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

mesmo hierarquias. O aumento do ciberespaço possibilita o aumento da inteligência coletiva, que, por sua vez, aumenta o ciberespaço em um espiral crescente sem precedentes (LÉVY, 2010; CASTELLS, 2013).

Lévy (2010) define inteligência coletiva como o aumento da capacidade cognitiva tanto de pessoas como de grupos, com o consequente aumento da capacidade de criação, de aprendizado e de memória. Na atualidade, há considerável aumento da inteligência coletiva proporcionado pela interconexão no ciberespaço.

Possibilitada pela internet, surge uma nova forma de sociedade, uma nova forma de relações, incluídas as novas formas de poder, e uma nova economia. Surge uma nova estrutura social baseada em redes, surge a sociedade em redes. Trata-se da possibilidade de comunicação de muitos com muitos, de um novo mundo da comunicação, uma “galáxia da internet”, que reúne, em um ambiente técnico interconectado, simultaneamente, a comunicação e memória mundiais (CASTELLS, 2003, 2013).

Lévy (2010) compara esse processo ao dilúvio bíblico, um dilúvio da informação e da comunicação, que, nesse caso, não terá fim, não cessará. Em meio a essa “tormenta”, grupos sociais formados no ciberespaço, cada um com sua seleção, buscam preservar sua identidade e transmiti-la. Quanto mais o ciberespaço, esse mundo informacional, se expande, menos possibilidades há de totalizá-lo. Vazio e sem conteúdo particular, aceita qualquer conteúdo, pois coloca em contato pontos ou nós, independentemente da carga semântica dessas entidades que passam então a se relacionar. No entanto, paradoxalmente, apesar de fragmentado, esse universo do ciberespaço repercute cada vez com mais intensidade nas atividades políticas, culturais e econômicas. Não é, portanto, neutro. Afeta profundamente o ser e suas relações.

Novas tecnologias da informação e da comunicação, o ser e suas relações

Podemos observar algumas características da comunicação digital, uma delas é a da aproximação com a oralidade, o tempo do digital é o imediato, uma comunicação de todos com todos em que o sentido está constantemente em construção. Outra, é a ausência de mediadores, o que a torna sem filtro. A sociedade da informação exige rapidez e, nesse sentido, a mediação é vista como congestionamento tanto do fluxo informacional quanto de sua temporalidade imediata. É uma sociedade da opinião, em que todos têm voz, todos são, ao mesmo tempo, produtores e receptores, e rejeitam a mediação, eliminando assim qualquer classe sacerdotal. “A desmediatização generalizada põe fim à era da representação. Hoje, cada qual quer estar diretamente presente e apresentar, sem intermediários, a sua própria opinião. A representação cede o seu lugar à presença, ou à coapresentação” (HAN, 2016, p. 28).

A comunicação digital se dá de forma imediata no plano emocional e afetivo, reproduz-se como um vírus contagioso, submetida à aceleração ilimitada, nada oferece a ser pensado. Discursos, verdadeiros ou não, podem se difundir rapidamente, como uma verdadeira epidemia. É, pois, sem precedentes em termos de capacidade de propagação.

Nessa nova ecologia das mídias, não há mais a possibilidade de totalização ou mesmo de fechamento semântico. Cada nova conexão traz novos dados e, conseqüentemente, mais heterogeneidade. Embora possibilite o aumento da inteligência coletiva e o aumento das singularidades, traz também consigo a desordem.

A rapidez nas comunicações, assim como a transparência possibilitada por ela, tende a levar a uma uniformidade, em que o

outro, o estranho, é eliminado ou, na melhor das hipóteses, ignorado. O negativo, a alteridade, a opinião contrária, interrompe ou desacelera o fluxo e deve ser eliminado. O negativo não é bem-vindo, nisso essa sociedade, também chamada de sociedade da transparência ou do positivo (HAN, 2016), possui um caráter totalitário.

A sociedade da transparência, ao mesmo tempo em que possibilita uma melhor *accountability* e tenha sido celebrada como possibilitadora de relações mais éticas e claras na política, paradoxalmente a paralisa. Segundo Han (2017), por basear o seu agir em estratégias, a política necessita de uma esfera oculta e, ao amputar essa esfera, a sociedade da transparência torna-se um espaço despolitizado e caminha junto com a pós-política, com possibilidades de levar às relações de referendo entre eleitores e eleitos, como em uma pesquisa de audiência.

Segundo Han (2017), o digital compele à transparência, em que tudo deve estar aberto e disponível sob a forma de informação. A transparência é, então, o imperativo, a essência da comunicação digital, tornando-a cumulativa e aditiva, oposta à interioridade. A verdade caminha em sentido oposto, pois é seletiva e exclusiva, o saber – verdade – é implícito, a informação, explícita, curta e breve, e, ao ter como característica a positividade, distingue-se do saber cuja temporalidade é diferente.

A verdade, o saber, nesse contexto, é uma negatividade, pois nega tudo o que não lhe é equivalente, tudo o mais é falso. Assim, transparência e verdade não são a mesma coisa. A maior quantidade de informações possibilitada pela transparência não necessariamente leva à verdade; pelo contrário, a falta de precisão do todo pode ser intensificada com mais comunicação e informação, terreno fértil para a produção e disseminação de *fake news*.

O *smartphone*, símbolo da era digital, trabalha com entrada e saída de dados de pouca complexidade e é um obstáculo à negatividade, e sem alteridade (negatividade) não é possível a elaboração de um pensamento complexo. Assim, comportamentos que demandem olhares mais amplos, com horizontes temporais maiores, tendem a declinar. Oposto à lentidão e à longa duração, favorece a visão curta. Ao criar um espaço ininterrupto de positividade, impede a irrupção do outro, prolonga tal espaço e debilita nossa capacidade de convívio com a negatividade, com a diferença, com o outro.

O veredicto da sociedade positiva é este: “Me agrada”. [...] A sociedade positiva evita todo e qualquer tipo de negatividade, pois esta paralisa a comunicação. Seu valor é medido apenas pela quantidade e velocidade da troca de informações, sendo que a massa da comunicação também eleva seu valor econômico e veredictos negativos a prejudicam (HAN, 2017, p. 24).

Ao aceitar somente o que lhe agrada e negar a alteridade, o negativo, a sociedade atual favorece o surgimento de bolhas – uma rede de conexões, nós, que compartilham visões, valores e crenças comuns –, que passam a ser o principal filtro de interpretação da realidade. Ao sermos hoje todos produtores e receptores de informações, nos influenciemos mutuamente e constantemente. Ao partilharmos valores, crenças e opiniões, reforçamos nossos laços e tornamos o trânsito de informações cada vez mais frequente, levando a que essas mesmas ideias, informações e crenças sejam amplificadas ou reforçadas pela comunicação e repetição, formando uma câmara de eco², que ratifica

2 Nos meios de comunicação, o termo **câmara de eco** é análogo a uma câmara de eco acústica, em que os sons reverberam em um invólucro oco. Também conhecida como **câmara de eco ideológica**, é uma descrição metafórica de uma situação em que informações, ideias ou crenças são amplificadas ou reforçadas pela comunicação e repetição dentro de um sistema definido. (Wikipédia) Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mara_de_eco. Acessado em: 26 set 2019.

nossas concepções sobre o mundo. É o que a neurociência denomina de viés de confirmação.

Segundo Moulin (2018), viés de confirmação é a tendência que temos de buscar confirmar nossas concepções ou crenças pré-existentes por meio da interpretação das informações que buscamos ou recebemos. “Se a bolha A se recusa a se comunicar com a bolha B, se a câmara de eco da Direita cada vez mais se distancia da câmara de eco da Esquerda, o resultado será a polarização” (HUFFPOST BRASIL, 2018, p 7).

Assim, silenciemos aqueles grupos que pensam diferente e nos cercamos (virtualmente) de pessoas que reforcem nossas convicções, nós atuantes e relevantes em nossas redes. Nessa zona de conforto de ideias, estamos sempre certos, “do lado certo da história” (IRAHETA, 2019).

Ao olhar o ritmo frenético dessa revolução tecnológica, Virilio (1999) entende que as tecnologias digitais transformam a vida no planeta de forma radical. Divisões sociais e econômicas não só entre ricos e pobres, mas também entre profissionais bem qualificados e massas de desempregados, entre locais e imigrantes, e ainda os moradores de rua, ameaçam o mundo.

Embora essa revolução tecnológica tenha sido celebrada como capaz de unir o mundo, fonte de desenvolvimento não só material, mas também cultural; exaltada como promessa de solidariedade e abundância, para o autor, os sonhos de libertação das juventudes sempre desembocaram em sistemas repressivos paramilitares e ditaduras – de Hitler a Stalin.

Tendo por base as ciências cognitivas, Serres (2013) afirma que hoje habitamos o virtual e, ao fazê-lo, escrevemos com os polegares ao usarmos nossos *smartphones*, consultamos sempre em telas

– *wikipedia*, *facebook* ou internet de forma geral, e assim ativamos diferentes zonas corticais daquelas que ativávamos quando usávamos o quadro negro, o caderno, o livro. A sociedade em rede tem uma outra cabeça, manipula várias informações simultâneas, não conhece nem sintetiza como a sociedade moderna.

Pessoas, lugares e conhecimentos podem ser acessados por celulares, GPS e internet, habitamos um novo espaço – topológicos de aproximação – enquanto a sociedade moderna baseava-se em distâncias e vivia em espaços métricos. Nela vivíamos de vínculos e filiações: nacionalidades, religiões, sexo, culturas, comunidades, times, partido político. Essas coletividades, em sua quase totalidade, deixaram de existir ou estão em processos de desintegração: “um novo ser humano nasceu, [...] Eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais na mesma natureza, não habitam mais o mesmo espaço” (SERRES, 2013, p. 20).

O digital retira da comunicação seu caráter corporal, tátil, por torná-la cômoda e eficaz, e, assim, nos retira do real ao nos retirar o contato com pessoas reais. A comunicação digital reconfigura a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico, pois é desprovida de corpo e rosto. O encontro real se mantém apenas como resistência, e ao desmontar o real, totaliza o imaginário. Ao produzir escassez de olhares, afasta-nos dos outros cada vez mais. Aquele que me olha, um rosto, tende a desaparecer, não há mais aquele que me aborda e afeta. No passado, uma contrapresença era percebida. Um rosto e um olhar possuidor de negatividade, com vida e trajetória próprias, com autonomia, era por nós percebido (HAN, 2016).

A face, que se exhibe e solicita a atenção, não é um rosto. Nenhum olhar a habita. A intencionalidade da exposição destrói toda a interioridade – essa reserva que constitui o olhar: “Na realidade, nada olha: retém para dentro o seu amor e o seu medo: é isso o Olhar”. A face exposta não é um rosto frente ao meu rosto, capaz de me encantar e de me cativar (HAN, 2016, p. 37).

Assim, o mundo do digital, a sociedade da transparência, nos leva a uma cultura da imagem e abre uma crise da visibilidade, levando à saturação da exposição. A exacerbação da imagem enfraquece sua força apelativa, levando a indiferença cada vez maior no olhar. O corpo, nesse contexto, torna-se alimento em um mundo de imagens, um alimento do olhar, levando a um círculo vicioso, no qual vemos ao invés de viver, e quanto mais vemos menos vivemos, e quanto menos vivemos mais precisamos de visibilidade, e quanto mais visibilidade mais incapacidade de olhar, mais invisibilidade (BAITELLO JUNIOR, 2002).

Movimentos sociais contemporâneos

Novas comunidades virtuais surgem no espaço deixado por essa desvinculação progressiva com antigas formas de comunidade social, pelo enfraquecimento dos laços familiares e pela perda de raízes geográficas, já comentadas aqui, e que acabam por redefinir também nossas alianças com o Estado-nação. Assim, apoiadas pela interconexão, são construídas em processos de troca e cooperação, dentro de interesses afins, de projetos comuns e independem de filiações institucionais e de territorialidade. No mesmo sentido, reflexos dessas mesmas características, estão os movimentos sociais contemporâneos.

Movimentos Sociais expressam certa organização da sociedade civil, que luta de forma coletiva por suas demandas so-

ciais, e procura, por meio de manifestações e passeatas, materializar suas ações de forma a despertar e sensibilizar o maior número de pessoas em prol de suas causas.

Lévy (2010) denomina os movimentos sociais da cibercultura, que, segundo esse autor, têm estreita relação com os desenvolvimentos técnicos industriais, como é o caso das tecnologias da informação e comunicação, e ainda estão relacionados a fortes correntes culturais e fenômenos de mentalidade coletiva. No entanto, Lévy atribui a causa motriz de tais movimentos ao desejo e necessidade de potência, assim como de autonomia individual. Defendemos que são ainda consequência do profundo sentimento de desesperança das diversas populações em diversas regiões do mundo.

Assim, organizados majoritariamente pelas redes digitais, são motivados pelos mesmos sentimentos presentes na sociedade em rede, do positivo, da transparência, e que têm certamente influenciado também as escolhas eleitorais no mundo, quais sejam, desconfiança e descrédito em relação à política, instituições, inclusive a mídia, e economia de forma geral, desesperança, vazio cultural e combate à corrupção. Não reconhecem lideranças, rejeitam qualquer organização formal e posicionam-se contra estruturas político-partidárias e sindicais, e, principalmente, não indicam novas possibilidades ou caminhos alternativos, sendo esse o seu caráter mais preocupante (CASTELLS, 2013; ZIZEK, 2012; GOHN, 2014).

Atuam de maneira descentralizada, em coletivos, sem a coordenação de uma liderança central e com autonomia individual. Possuem organização distinta de outros movimentos sociais, tais como sindicatos, movimentos identitários, movimento negro, indígenas, entre outros. Pertencem a uma nova forma de organi-

zação de movimentos sociais “[...] composta predominantemente por jovens escolarizados, predominância de camadas médias, conectados por e em redes digitais, organizados horizontalmente, críticos das formas tradicionais da política, tais como se apresentam na atualidade (GOHN, 2014, p. 12).

Coletivos contemporâneos são grupos formados por jovens que planejam festas, caminhadas, festivais e exposições no intuito de reivindicar melhorias nas políticas públicas e no acesso à cultura, pois não se veem mais representados pelas estruturas do Estado, principalmente, como já dito, no que diz respeito às suas formas de exercer a política.

Esses movimentos sociais, por saberem o que não querem e não terem um horizonte, uma visão de futuro comum a defender, posicionam-se contra tudo o que está posto (CASTELLS, 2013; ZIZEK, 2012; GOHN, 2014). “A razão de os manifestantes saírem às ruas é que estão fartos [...] os manifestantes perceberam que por um longo tempo permitiram que seus compromissos políticos também fossem terceirizados – e querem de volta” (ZIZEK, 2012, p. 18).

Nesse sentido, Bill Clinton (*apud* ZIZEK, 2012), ex-presidente dos Estados Unidos, ao comentar o movimento *Occupy Wall Street*, fez importante e visionário alerta ao defender que a causa do movimento era nebulosa e que, ao não terem uma causa clara e serem simplesmente contra, criavam um vazio que seria, inevitavelmente, ocupado por alguém. Ousamos complementar que por alguém fora do sistema, um *outsider*, ou que se posicionasse como tal, “contra tudo o que está posto” e que soubesse capitalizar as angústias e anseios desses movimentos, fazendo uso das novas formas de comunicação e poder.

Pós-política, pós-verdade e as eleições dos indignados

Muitos esperavam que ditadores fossem derrubados. No entanto, as democracias é que correm altos riscos, pois, munidos de ferramentas que acreditávamos só poderiam ser usadas para o aperfeiçoamento democrático, um novo tipo de homem (forte) está surgindo em várias partes do mundo, em eleições absolutamente improváveis. São os homens fortes de plataformas, “dominando técnicas do novo poder – poder comunicacional – para alcançar fins autoritários” (TIMMS; HEIMANS, 2018).

Partindo da etimologia da palavra “indignação”, substantivo feminino com origem na palavra em latim *indignatio*, que significa descontentamento, desprezo, sentimento de cólera, entendemos que eleições dos indignados (no caso, eleitores indignados) – contra tudo o que está posto – vêm acontecendo em várias regiões do mundo. Citamos, a título de exemplo, como resultado dessa indignação, as eleições de Orban, Salvini, Trump, Bolsonaro, Putin, Erdogan e El-Sisi, na Hungria, Itália, Estados Unidos, Brasil, Rússia Turquia e Egito, respectivamente.

Trata-se de eleições em que aquelas características vistas aqui da sociedade em redes e que originaram os movimentos sociais contemporâneos estiveram presentes, ou seja, não houve disputa de ideias e argumentos, de projetos de futuro, da visão compartilhada de uma utopia, pois esse novo ser da sociedade em rede parece não as possuir, apenas sabem, nesse momento, o que não querem.

Assim, explodido, nas recentes eleições, aqueles sentimentos que desembocaram em manifestações em todo o mundo: de-

sesperança, vazio cultural, desconfiança e descrédito para com a política, o sistema econômico e as instituições de forma generalizada, combate à corrupção, e posições contrárias às estruturas político-partidárias e sindicais.

Somem-se a isto as divisões sociais nos diferentes países, as bolhas ideológicas, a emissão rápida e constante de informações em detrimento do conhecimento, da alteridade e da busca pela verdade. O excesso de informação sem a devida mediação, sem checagem, o digital que iguala todos os discursos e elimina hierarquias. A explosão da bomba informática prevista por Virilio, na qual perdemos a relação com o real, numa disputa de sentidos desenfreada no espaço público ampliado pelo digital, o qual possibilita a era da pós-verdade, da disseminação das *fake news*.

Os candidatos que souberam entender essa sociedade do digital, transformada pelas novas tecnologias, e a ruptura entre eleitores e o sistema político, a quase pós-política, venceram as eleições:

Em *jogos de poder*, Dick Morris comenta vários exemplos históricos de grandes líderes políticos que conseguiram vencer por saber dominar, antes dos outros, uma nova tecnologia. Roosevelt, ao saber usar o rádio com o tom da intimidade, Kennedy, ao apostar em uma estratégia de glamourização de sua imagem na televisão (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 31).

Assim, Donald Trump, fazendo uso das comunicações digitais, chegou à presidência ao se posicionar como resposta a indignações, como um *outsider*, “diferente e contra tudo o que está aí”. Foi, segundo o economista alemão Otto Scharmer, a resposta dada por muitos cidadãos desempregados, sentindo-se esquecidos no país, que pareciam querer jogar uma bomba no Capitólio (REVISTA TRIP, 2019).

A eleição dos indignados teve efeitos também aqui, no Brasil:

No caso de 2018, não tivemos uma batalha de argumentos. Mas a explosão de um sentimento que não encontrou barreiras de contenção num sistema partidário com sua imagem devastada. Foi a eleição dos indignados, uma manifestação de ira contra “tudo que está aí”. “Chega!” talvez seja a expressão que mais resume a energia nuclear do voto em Bolsonaro, gesto que une os variados antissentimentos que sustentaram sua vitória e que não estão muito preocupados com o “pra frente” (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 35).

Axel Honneth (*apud* ZIZEK, 2019) chama a atenção para o grande paradoxo da situação atual, em que há crescente insatisfação com o capitalismo global, que explode com frequência em ódio, mas sem possibilidade de que esse ódio seja expresso em um novo projeto político, e, quando possível alguma articulação, esta se dá à guisa da direita populista.

Considerações Finais

O digital muda nossas relações ao mudar nossas percepções, pensamentos e, conseqüentemente, nossos comportamentos. Amplia a esfera pública, possibilita a comunicação de todos com todos, elimina a mediação e iguala as diferentes vozes. A sociedade da comunicação, ao exigir rapidez, impede a reflexão, o questionamento, pois este é lento. Assim, possibilita o surgimento de bolhas, com o cada vez mais frequente trânsito de informações que confirmam nossas convicções, podendo levar a divisões entre polos ideológicos em todo o mundo. São as bolhas ideológicas.

Num momento em que a esfera privada se confunde cada vez mais com a esfera pública, com a proliferação de imagens, as

discrepâncias sociais entre incluídos e excluídos são mais percebidas, ao mesmo tempo em que as facilidades de surgimento de mentalidades coletivas proporcionadas pelo digital canalizam as necessidades de autonomia e potência social e possibilitam os grandes protestos e mobilizações que surgem a partir de 2011, portadores de indignação e esperanças.

O ciberespaço, a ampliação do espaço público pelo digital, ao eliminar o olhar, a presença, entendemos, elimina também o efeito “espiral do silêncio”, possibilitando que discursos não-dominantes – destrutivos e obscuros –, e que considerávamos superados no atual estágio civilizatório da humanidade, venham à tona. Tais discursos têm servido de impulso a “populistas racistas” (ZIZEK, 2012) em todo o mundo.

De acordo com a teoria do espiral de silêncio, desenvolvida por Noelle-Neumann, o contexto da opinião pública é constantemente avaliado pelos membros de diferentes grupos sociais e essa avaliação constante permite-lhes evitar o isolamento social causado por expressar uma opinião contrária à da maioria. O medo do isolamento seria tão forte, que as pessoas estariam dispostas a não expressar sua opinião (contrária ao senso dominante) ou mesmo, com o intuito de manter seus vínculos sociais, modificar sua opinião inicial (PUIG-I-ABRIL; ROJAS, 2006, tradução nossa).

O novo ser surgido com o digital rejeita mediadores, quer ele próprio dizer e decidir, inclusive na política. Indignado, quer a democracia direta, e na sua impossibilidade, quer alguém como ele no poder. Não há mais espaço para o qualificado, que fará o filtro, que analisará. Assim como não há mais espaço para o jornalista (como mediador, formador de opinião), também não há, parece-nos, para o político que sabe mais do que seu eleitor a respeito dos destinos do

país. É o fim do mídia *training*, é a era da autenticidade. Ao eliminar mediadores, o eleitor quer alguém como ele, que pense, aja, autenticamente como ele o faria.

Esse mesmo eleitor é o usuário do *smartphone*, da entrada e saída de dados de pouca complexidade, o ser incapaz da alteridade, da elaboração de um pensamento complexo, impossibilitado de um olhar mais amplo; de visão curta, portanto. Incapaz do convívio com a negatividade, com a diferença, com o outro, sabe o que não quer: tudo o que está posto, mas não sabe o que quer, não tem projeto alternativo para o futuro. Assim será o seu eleito.

A política exige o conhecimento de seu tempo, dos anseios, necessidades e estado de espírito do povo. A comunicação, por seu turno, exige certa coerência e autenticidade, hoje mais do que nunca. Venceram as eleições aqueles que souberam como se posicionar nesse contexto de indignação, surgido já lá nos primeiros movimentos sociais contemporâneos em 2011, que souberam usar das novas tecnologias da comunicação e, principalmente, que mantiveram sua autenticidade como um igual a esse novo ser surgido com o digital.

From the dream of emancipation, which mobilize people around the world, to the election of the outraged

Abstract

This paper discuss how the new communication e information technologies delivery changes in personal relations and the way citizens deal with government policies. How they affect the emergence of street protests and if there is any connection with the new technologies and the social division among countries population around the world. And yet, how politics considered outsiders are using this changes' context and the digital communication to be elected.

Key words: Digital communication. Public place. Cyberspace. Net societies. Outrageds.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. O olho do furacão. A cultura da imagem e a crise da visibilidade. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; WEBER, Maria Helena; FRANÇA, Vera; PAIVA, Raquel (Orgs). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame. Reflexões sobre o digital**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016.

HEIMANS, Jeremy; TIMMS, Henry. **O novo poder**: Como disseminar ideias, engajar pessoas e estar sempre um passo à frente em um mundo hiperconectado. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

IRAHETA, Diego. A verdade está lá fora (da bolha). LinkedIn. Disponível em:< <https://www.linkedin.com/pulse/verdade-est%C3%A1-l%C3%A1-fora-da-bolha-diego-iraheta/>>. Acesso em: 20 set 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LEMOS E LÉVY. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MOULIN, Fabiano. **Huffpost Brasil**. Disponível em:< https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/18/o-seu-cerebro-nao-e-tao-racional-quanto-parece-a-influencia-dos-vieses-cognitivos_a_23386054/>. Acesso em: 22 set 2019.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu.**

PUIG-I-ABRIL, Eulália; ROJAS, Hernando. **Espiral de silencio y autocensura política em Colombia.** Disponível em:< https://www.researchgate.net/publication/46564986_Espiral_de_silencio_y_autocensura_politica_en_Colombia >. Acesso em: 27 set 2019.

SCHARNER, Otto. Professor do MIT, Otto Scharmer discute ideias para um novo mundo”. **Revista Trip.** Do ego ao eco. Disponível em:< <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-professor-do-mit-otto-scharmer-discute-ideias-para-um-novo-mundo-e-defende-o-pos-capitalismo> >. Acesso em: 15 set 2019.

SERRES, Michel. **Polegarzinho.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

UNCTAD. Disponível em:<<http://unctad.org/en/Pages/Home.aspx>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.**

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente.** São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **A coragem da desesperança: crônicas de um ano em que agimos perigosamente.** 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

Data de submissão: 03/10/2019

Data de aceite: 24/10/2019